





Milagres

Três bebês prematuros lutavam para respirar enquanto os cirurgiões corriam para salvar sua mãe

POR JENNIFER HAUPT

A FESTA DE ANIVERSÁRIO no refeitório do hospital não parecia ser tão incomum, com balões coloridos e um bolo de baunilha com letras azuis e cor-de-rosa que diziam “Feliz Primeiro Aniversário!” Mas, para aqueles trigêmeos, o fato de terem conseguido nascer já era um milagre. Os orgulhosos pais, Roseann e Joe Errante, ambos de 37 anos, contavam as bênçãos: Samantha, a “líder da gangue”, que havia lutado para vir ao mundo; Michael, conhecido por flertar com as enfermeiras que haviam trabalhado sem descanso para salvar sua vida; e Joseph, o mais quieto de todos, que absorvia tudo com os olhinhos escuros.

Os trigêmeos foram um milagre desde o início. Roseann, dona de casa e mãe em tempo integral, e Joe, zelador de uma escola pública de

Nova York, queriam um segundo filho após o nascimento de Anthony, o primogênito. Já haviam perdido a esperança depois que Roseann tentou engravidar durante dois anos e sofreu um aborto espontâneo. “Assim que descobrimos que eu estava grávida, tentamos não ficar muito animados, pois tanta coisa pode dar errado no caso de trigêmeos”, explica Roseann. “Depois de três meses correndo tudo bem – eu não tinha nem enjoos matinais – a gente se deu conta de que tinha muito a fazer com três bebês a caminho, e que era melhor começarmos a nos preparar.”

Roseann e Joe passaram a manhã seguinte, uma quinta-feira, no pronto-socorro do Centro Médico da Universidade Stony Brook, onde o parto de Roseann estava marcado para dali a oito semanas. Os médicos monitoraram o coração da mãe e dos bebês, mediram a pressão arterial dela e fizeram uma bateria de exames de sangue. Ao meio-dia, o casal recebeu a notícia de que os exames estavam normais. Sentindo-se mais tranquilizados e acreditando que talvez a dor pudesse ter sido apenas indigestão, algo relativamente comum durante a gravidez, os dois

Roseann pulou da cama com uma dor tão forte que não conseguia falar. Na escala de 1 a 10, era 15.

Tanto Roseann quanto Joe são de família italiana e todos queriam ajudar a preparar a chegada dos bebês. Era a gravidez ideal, com que a maioria das mulheres sonha. Mas isso estava para mudar.

Certa noite, em agosto de 2005, já no 7º mês, Roseann sentou-se de repente na cama às três da manhã. Sentiu uma dor intensa no peito, que se espalhava pelo pescoço, ouvidos e cabeça. “Um minuto antes eu estava adormecida”, conta, “e no seguinte havia saltado da cama com uma dor tão terrível que não conseguia falar. Numa escala de 1 a 10, a dor era 15. Fiquei apavorada pelos bebês e por mim.”

voltaram para casa. Mas a dor que Roseann sentia piorou.

Segundo Joe, “durante a gravidez eu havia pesquisado tudo o que podia dar errado e nunca dissera nada a Roseann. Ela tende a se preocupar muito com as coisas, é hipertensa, então eu não queria que sua pressão subisse demais. Agora, de repente, algo realmente estava errado e eu não tinha como ajudá-la”.

Na sexta pela manhã o peito de Roseann continuava a latejar cada vez que ela respirava. “Minha mulher não é de reclamar, então eu sabia que a coisa era grave”, disse Joe, que a levou para o departamento de Medicina Ma-

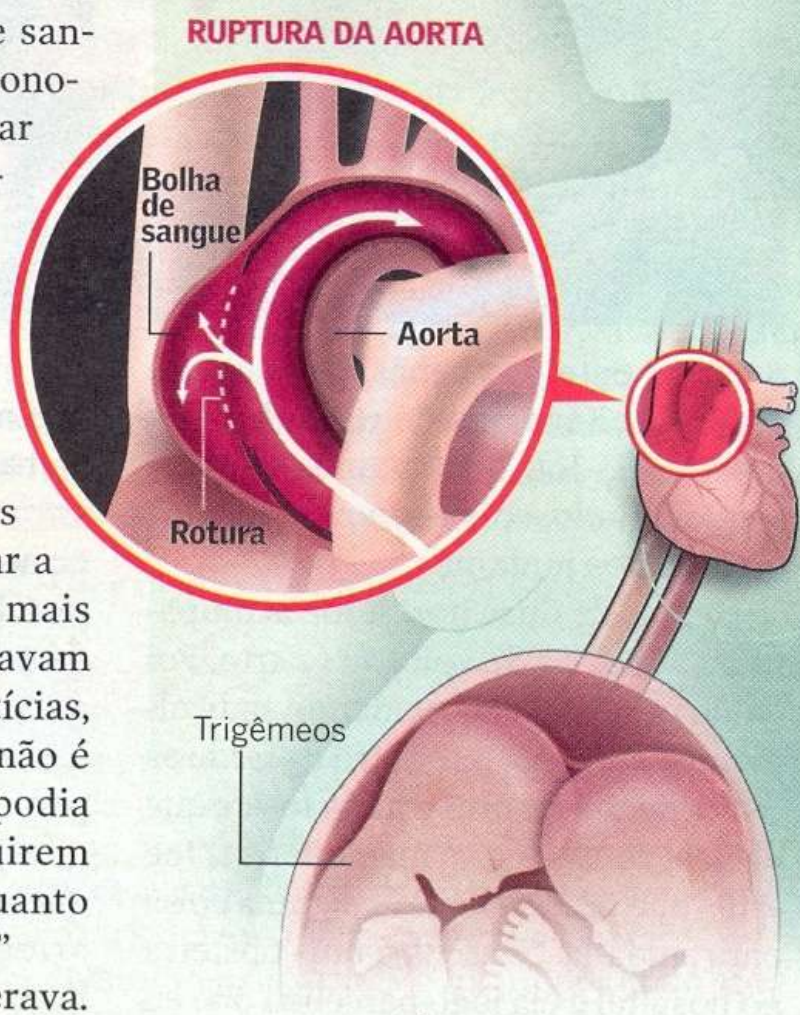
terno-fetal do hospital. “Eu não sabia o que estava acontecendo, mas, não importava o que fosse, sabia que estava diante de um quadro atípico”, revelou o Dr. J. Gerald Quirk, obstetra que também havia examinado Roseann na manhã anterior. Ele decidiu interná-la a fim de submetê-la a exames cardiológicos minuciosos e também mantê-la em observação.

Na sexta e no sábado, Roseann foi submetida a outros exames de sangue, eletrocardiogramas, ultra-sonografias das pernas para detectar possíveis coágulos, além de radiografias do tórax. Joe permaneceu ao seu lado enquanto, um a um, os resultados voltavam normais. Por fora, ele permanecia o mesmo Joe alegre de sempre, brincando com os médicos, tentando manter as coisas leves de forma a não preocupar a mulher. Mas ficava cada vez mais preocupado: “Os médicos entravam no quarto dizendo: ‘Ótimas notícias, não é isso’ ou ‘Grande notícia, não é aquilo.’ Mas eu sabia que não podia ser bom o fato de não conseguirem encontrar nada de errado enquanto minha mulher ainda sentia dor.”

Enquanto isso, Roseann esperava. Para a equipe do hospital, ela parecia bem. “Sou ótima em esconder a dor que estou sentindo, e se me mantivesse calma, sem respirar fundo, ajudava um bocado”, relembra Roseann. “Eu pousava a mão na barriga e sentia os bebês chutarem, ou então observava os monitores fetais o tempo todo. E pensava: *enquanto os bebês estiverem se mexendo,*

estou bem. Eles me tranquilizavam, embora no fundo eu soubesse que algo estava terrivelmente errado.”

Na tarde de sábado, Roseann sentiu-se bem e desceu até o lobby do hospital com Joe para ver alguns parentes. “A essa altura, achávamos que Roseann estava tendo complicações com a gravidez e que elas desapareceriam com





o nascimento dos bebês. Certamente não suspeitávamos de nada de mais grave”, diz Joe. “Estávamos conversando e rindo, como sempre fazemos quando nos juntamos.”

Depois de duas horas, Joe acompanhou a mulher de volta ao quarto. Foi então que as coisas mudaram radicalmente para pior. Às quatro da tarde as dores de Roseann eram tão fortes que ela mal conseguia se manter ereta. Joe sabia que precisava fazer alguma coisa para ajudá-la. “Descobri uma obstetra no hospital e ela logo percebeu que eu não estava animado e falante como sempre”, conta Joe. “Naqueles últimos dias, me limitava a segurar a mão de Roseann. Estava desesperado.”

Finalmente foi feito um ecocardiograma, exame que usa ondas sonoras para gerar uma imagem em movimento do coração. Às oito da noite, chegou a notícia: Roseann tinha uma dissecação

Joe e Roseann com Anthony e os trigêmeos: Joseph, Michael e Samantha, de 1 ano e 5 meses.

na aorta, um corte de 5 a 7,6 centímetros de comprimento na parede interna da artéria principal que leva o sangue ao coração e aos outros órgãos. O corte havia formado, entre as camadas da parede da aorta, uma bolha de sangue que poderia ter estourado ou bloqueado o fluxo sanguíneo para outras artérias principais, incluindo a que bombeava oxigênio para os trigêmeos. Era uma bomba-relógio, ameaçando a vida de Roseann e a dos bebês.

Quando o Dr. Frank C. Seifert, cirurgião cardiotorácico do hospital, soube do estado de Roseann, entendeu que precisava agir rápido. Metade dos pacientes com dissecação da aorta morre se o problema não for detectado e reparado nas primeiras 48 horas. “A qual-

quer momento após o início do dilaceramento, Roseann poderia ter rompido a aorta e morrido”, explica o Dr. Seifert, que admite que uma aorta dissecada pode se romper tão subitamente como um fio puxado numa meia-calça. “Ou, então, a laceração poderia ter se espalhado para outros vasos que levam à cabeça ou ao abdome, incluindo os que suprem o útero.”

Não só a aorta rompida ameaçava a vida dos bebês como a cirurgia para corrigir o problema também apresentava riscos. O corpo de Roseann teria de ser resfriado a 11°C, e o seu coração ficaria parado durante 90 minutos para que a dissecção fosse reparada – situações que teriam diminuído de maneira significativa o fluxo sanguíneo e matado os trigêmeos. Os bebês precisavam, portanto, ser trazidos ao mundo mesmo prematuros em oito semanas

para que Roseann fosse submetida à cirurgia. Os médicos corriam contra o tempo para salvar a vida dos bebês e da mãe.

Em cerca de uma hora, 30 médicos e enfermeiros se reuniram para uma cirurgia dupla pouco comum. Eram necessárias três equipes: para o parto, para a cirurgia cardíaca e uma equipe neonatal para cuidar dos bebês após o nascimento. A cesariana dos trigêmeos começou por volta das 9h30 de sábado, enquanto a equipe da cirurgia cardíaca permanecia por perto, pronta para intervir, caso a aorta de Roseann rompesse de repente.

Joseph nasceu primeiro, pesando apenas 1,4 kg; a seguir, veio Samantha, com 1,36 kg e, finalmente, Michael, com 1,13 kg. De início, os frágeis bebês tiveram problemas respiratórios. Mas em dez minutos a situação deles era

E como isso pôde acontecer?

Roseann tinha um histórico de pressão alta, o que costuma estar relacionado com 75% dos casos de dissecção da aorta, segundo a Associação Americana do Coração. E, embora não se saiba ao certo, é provável que a hipertensão arterial, combinada com a mudança de volume sanguíneo no corpo de Roseann por causa dos trigêmeos, tenha causado a laceração. Esta pode ter começado na quinta-feira pela manhã e foi progredindo até a data da cirurgia, na noite de sábado.

A aorta é a principal artéria que leva o sangue do coração aos órgãos vitais e aos membros. A dissecção aórtica é a ruptura da camada interna da parede da artéria. Isso pode produzir um “falso lúmen” ou uma aorta com dois lúmens, canal sobressalente que pode bloquear o fluxo sanguíneo. A dissecção também pode causar uma ruptura fatal ou, literalmente, estourar a valva aórtica. Há casos em que uma aorta dissecada não provoca qualquer sintoma – no caso de Roseann, a dor se parecia mais com um caso de indigestão. À medida que a dissecção aumenta, passa a provocar dor intensa, muitas vezes acompanhada de suor frio. Esse quadro raro afeta de cinco a trinta casos por milhão de pessoas ao ano no Brasil.

estável e respiravam com a ajuda de aparelhos mecânicos.

Enquanto isso, Joe e a imensa família italiana do casal enchiam uma sala de espera inteira. Subitamente, as portas se abriram. “Vimos os bebês passarem voando em carrinhos, dentro de pequenas incubadoras”, lembra Joe, emocionado com a lembrança dos três filhos recém-nascidos lutando pela própria vida. “Até aquele momento, eu não sabia se os bebês ficariam bem e nem se minha mulher sobreviveria.”

Joe teve de esperar outras quatro horas e meia para saber que a cirurgia cardíaca de Roseann havia sido bem-sucedida, embora os médicos tivessem dito que só saberiam se ela sobreviveria dali a outras 48 horas. Mas Roseann se recuperou com rapidez: acordou seis horas após a cirurgia.

Depois de passado o efeito das drogas, uma das primeiras perguntas feitas por ela foi: “Como estão os meus filhos?” Mas, nos primeiros três dias, estava fraca demais para vê-los, então teve de se contentar com as descrições do marido e com algumas fotografias. “Ele ficava repetindo que os bebês eram a cara dele, mas não me contou que es-

tavam ligados a diversos aparelhos com campainhas e alarmes disparando o tempo todo”, conta. “Quando finalmente os vi, no quarto dia, foi um choque. Eram tão minúsculos e frágeis. Não podíamos pegá-los no colo, então enfiávamos os dedos pelas aberturas da incubadora para segurar a mãozinha de Samantha ou para esfregar, com todo cuidado, a barriguinha de um dos meninos.”

Roseann teve alta do hospital dez dias após a cirurgia e, no Dia de Ação de Graças, a família toda já estava em casa para um farto almoço italiano. “Tenho dias ruins, nos quais me sinto cansada, ou tenho dor, mas sei que sou abençoada pelo fato de meus três bebês terem passado por uma experiência tão penosa e a terem superado, perfeitamente saudáveis”, diz Roseann hoje.

“Às vezes, quando as coisas ficam muito loucas por aqui, tenho de parar e olhar para trás e me lembrar da sorte que tenho por minha mulher e os meus filhos estarem comigo”, diz Joe. “Não desejaria uma provação dessas a ninguém, mas certamente, ela fez aflorar minha fé, que era muito pouca. Hoje acredito demais em milagres.”



O HOMEM PERFEITO

Cinco segredos para um relacionamento perfeito: A mulher deve encontrar um homem que a faça rir muito. Deve encontrar um homem independente. Deve encontrar um homem responsável e sincero. Deve encontrar um homem que adore fazer amor. E o mais importante: nunca deve permitir que esses quatro homens se encontrem.

JOICE ARAÚJO, Natal (RN)

Se você tem de explicar o que disse, é porque provavelmente não deveria ter dito.

CARY CLACK

Ser um bom marido é mais ou menos como seguir a carreira de comediante. Leva uns dez anos para que você possa se considerar um principiante.

JERRY SEINFELD na revista "O"

Hoje vejo o mundo e meu papel nele de forma diferente.

MADONNA (www.rocco.com.br)

Genialidade é imediata, mas talento demora um pouco.

JANET FLANNER

Quem disse?

Sou uma mulher normal, sem vida normal.

- a) Ivete Sangalo
- b) Cláudia Leitte
- c) Juliana Paes

VEJA A RESPOSTA ABAIXO



Minha mãe sempre disse que a democracia é a melhor vingança.

BILAWAL BHUTTO ZARDARI, filho da líder opositorista do Paquistão Benazir Bhutto, assassinada em 2007

Quando a riqueza acaba, nada está perdido. Quando não temos saúde, nos faltam algumas coisas. Quando perdemos o caráter, perdemos tudo.

REVERENDO BILLY GRAHAM

O sucesso é um mau professor. **Ele induz as pessoas** a pensarem que nunca podem perder.

BILL GATES

Todo mundo vem com um pacote. Às vezes, o pacote é mais pesado, ou mais florido, mas é sempre um pacote.

PAULA LAVIGNE na revista Joyce Pasowitch

\$ Pagamos até R\$ 50 por frases de brasileiros famosos vivos (página 50).